



AS AULAS DISSO E DAQUILO



Eu sempre gostei de professores. Acontece somente que os professores, alguns, não sei por quê, é que implicavam comigo. Fui uma vítima indefesa, ora, e se não fui, sempre achei que era. De alguns, certamente.

Em matéria de matemática, sempre fui “português”. Quero dizer: essa coisa abstrata de símbolos que viravam teoremas, letras, x, e frações para mim eram um verdadeiro suplício.

Minha professora de matemática, só para me chatear, tinha que se chamar Sylvia, também. Era irmã da diretora da escola. Sem dúvida, a de aspecto mais severo. Enquanto Dona Marieta, que era a diretora, pintava os cabelos de castanho e Dona Lucília pintava as faces de cor de laranja, no mesmo tom dos cabelos, Dona Sylvia era grisalha. Daquele digno grisalho, imponente, apesar de baixinha.

Dona Lucília deslecionava inglês, pois tinha uma pronúncia única, “luciliense”, só dela. Quem aprendesse inglês com Dona Lucília, só poderia falar com ela, pois ninguém mais entendia. Mas como ninguém aprendeu inglês com ela, o perigo não existiu. Apesar de tudo, Dona Lucília era a mais paciente das três, a que mais sofria em nossas garras. Além de não falar inglês, era meio surda. Assim, quando ela mandava a gente ler em voz alta, chegávamos ao requinte de ler em outra página... e a pobre da Dona Lucília, seguindo na página do livro dela, sem saber que líamos na outra! Assim mesmo, pelo ritmo da leitura, ela ia seguindo, pensando que ouviam e chegava mesmo a consertar nossa pronúncia, enquanto dizíamos palavras completamente diferentes. Rolávamos de rir. Hoje, sinto uma ternura imensa por Dona Lucília, por suas rubras faces carminadas, sua candura celestial. Só tinha um real defeito: não falava inglês... mas ensinava. Afinal, hoje, as universidades estão cheias de professores assim, com menos candura... e até ouvindo bem. Como é que Dona Lucília poderia ter boa pronúncia se era ruim do ouvido, né?

Dona Sylvia, a irmã ouvia perfeitamente, para o meu sofrimento. Era esperta, inteligente e irônica. No fundo, divertia-se com a gente, fazendo o contrário daquilo que fazíamos com sua cândida irmã. Vingava a família, com classe. Engraçado: nunca cheguei a não gostar de Dona Sylvia, quando ela estava presente. Ela era dona de um certo humor que me fascinava. Agora, quando ela estava longe, ausente, chegue a fazer bruxaria para ver se ela ficava doente em dia de prova, ou coisa assim. Mas Dona Sylvia tinha uma saúde de Teorema de Thales, mais uma resistência de Pitágoras... mesmo que Pitágoras não tivesse resistência física, sei lá se teve, seus teoremas estão aí, atormentando, até hoje. Os matemáticos que me perdoem, sei que sou ingrata, mas a gente não é feita só de qualidades, e é isso aí.

Dona Sylvia não adoecia. Tinha a mania odiosa de, no meio da aula, de repente, me descobrir, sumida, lá na última carteira... e dizer, com voz meio cantada:

— Minha xará... ao quadro! (Eu sentava na última carteira, na aula de matemática.)

Lá ia eu, tremendo. E começava o desespero: se um trem a tantos quilômetros vai de A a B, e o outro, com velocidade de xyz, trafega de B a A, em qual ponto da reta eles se encontrarão?

Eu era mais “português” do que “matemática” e já ficava, de olhos no teto, imaginado como seriam os trens, se eram da Central, ou da Leopoldina, e se na hora do acidente, quem sabe, por força do cruel destino... ou por causa das minhas preces, na hora do encontro.. ou acidente, quem sabe, Dona Sylvia não estaria atravessando a linha e... coitada, morreu tão moça, ainda grisalha, nem tinha ficado de cabeça totalmente branca, nem nada...

Minha maior nota em matemática foi sete, num dia em que coleei bastante. Éramos especialistas em cola. Naturalmente, colar, em matemática, não era tão fácil, porque o raio da reta A-B sempre mudava de tamanho, e os trens (que trens sem horário certo!) sempre saíam em horas e velocidades diferentes. Mas consegui colar, copiei tudo de minha colega Yolanda Vargas. Pois é, tive duas

colegas de sobrenomes inimigos: Yolanda Vargas e Lúgia Lacerda. Só que o Vargas da Yolanda nada tinha a ver com Getúlio, de modo que nunca existiu problema.

Sylvia Orthof. Se a memória não me falha. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

Exercícios:

1- Por que a narradora, quando aluna, sentia-se “uma vítima indefesa” diante de alguns professores?

2- Caracterize as duas professoras mencionadas no texto.

3- Que lembranças Sylvia guardava das aulas das duas mestras?

4- Quais eram os seus sentimentos em relação a elas? Por quê?

5- Mais tarde, como Sylvia passou a se sentir ao recordar-se de suas professoras?

6- No início do texto, Sylvia afirma:

“Eu sempre gostei de professores”.

E você, como se sente em relação a seus professores?

7- Sylvia gostava mais de estudar português. Qual é a matéria de sua preferência? Por quê?

8- Crie três frases com:

a -> artigo definido feminino (singular ou plural).

â -> com acento grave (crase)

há -> no sentido de existir ou fazer.

Obs.: Consulte regras estudadas em sala.